

# A INVENÇÃO DA AMAZÔNIA, DE NEIDE GONDIM

Liozina Kauana de Carvalho Penalva<sup>1</sup>

*"Tudo faz pensar que existe um certo ponto do espírito a partir do qual a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável deixam de ser percebidos contraditoriamente."*

André Breton: Segundo Manifesto

## RESUMO

Em *A Invenção da Amazônia*, o intuito principal de Neide Gondim é desconstruir a ideia de Amazônia enquanto espaço descoberto ou construído. Em vez disso, a autora apresenta uma Amazônia inventada, formada pelo imaginário de viajantes, cronistas e aventureiros. Gondim mostra um espaço que por vezes é encarado como Paraíso, um lugar repleto de belezas e riquezas naturais, mas que também é visto como Inferno, espaço do infortúnio e de clima hostil. Enfim, através dos relatos e descrições desses viajantes mergulhamos rumo ao entendimento das representações construídas sobre o Outro e também compreendemos as subjetividades que esses intérpretes carregavam.

**Palavras-chave:** Amazônia, imaginário, Outro.

Como o próprio título já antecipa, o intuito principal de Neide Gondim em *A Invenção da Amazônia* é desconstruir a ideia de que o espaço amazônico foi descoberto ou construído, pois, naturalmente, não se pode simplesmente assumir a paternidade de um lugar que já era habitado por outros povos e desconsiderar tudo o que lá existia há muitos anos. A autora afirma que, na realidade, a Amazônia foi inventada, deu-se a partir dos inúmeros relatos escritos por comerciantes, missionários e peregrinos europeus. A formação desse espaço foi sendo moldado de acordo com ideologias, discursos e imaginários que permeiam desde as passagens bíblicas, passam por concepções presentes na Idade Média e chegam até os dias atuais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense, kauanapenalva@gmail.com.

Ao desenvolver o texto, Gondim pretende demonstrar quais foram os artifícios utilizados pelos europeus para a invenção da Amazônia, de que modo o imaginário influenciou e modificou concepções e quais foram as consequências desse processo. Ela mostra o quanto as descrições, os relatos e as narrativas desses cronistas e viajantes sobre a Amazônia são fontes imprescindíveis para o entendimento das representações construídas sobre o “outro” e para a compreensão das subjetividades que carregavam esses intérpretes a partir do seu lugar de enunciação e do seu contexto, pois:

O espanto, o entusiasmo, o êxtase, a novidade presenciados por cada um desses viajantes, registrados em suas notas, articulam-se com o imaginário de cada um deles, sem deixar de ter como moldura a veiculação da tradição cultural representativa de sua origem étnica e/ou religiosa” (GONDIM, 1994, p. 29).

No primeiro capítulo entramos em contato com a visão inaugural da Amazônia, aquela percebida pelos primeiros viajantes cronistas e também por ficcionistas, em que há o predomínio de informações que, apesar de contribuírem para refutação ou até mesmo reelaboração de teorias tidas como verdades inquestionáveis, ainda ajudam a divulgar uma concepção homogênea acerca da Amazônia, inibindo a heterogeneidade, a diferença e a variedade.

No segundo capítulo, Gondim mostra que o imaginário europeu sobre o espaço amazônico foi se formando, então, de uma maneira bastante paradoxal, pois ora a Amazônia era vista e comparada com o Paraíso edênico, uma vez que despertava o fascínio e o encantamento do colonizador, ora a Inferno Verde, pois era espaço associado ao infortúnio, a doenças tropicais, a desvios de comportamento e a atraso social e político. Desse modo, a leitura que o europeu faz da Amazônia é quase sempre ambígua, pois se por um lado o imigrante já vem com um discurso pré-definido, e ainda utiliza como referência a própria Europa, por outro, a natureza revela sua complexidade, mostrando-se ora misteriosa e majestosa, ora monstruosa e ameaçadora.

Por último, Neide Gondim discute como a Amazônia é revisitada por ficcionistas europeus. Ela desenvolve diversas temáticas que insistiram em permanecer no imaginário desses viajantes, como acontecimentos maravilhosos e monstruosos. Entretanto, através de autores como Jules Vernes, Conan Doyle e Vicki Baum ela substitui a simplificadora dicotomia inferno e paraíso por uma visão mais ampla, já que

esses ficcionistas passam a enxergá-la com os “olhos do artista”. Nesse capítulo, Gondim discorre também sobre a exploração da borracha, ciclo muito expressivo no desenvolvimento amazônico.

Em *A Invenção da Amazônia* observa-se que Gondim apresenta narrativas e relatos que dão ênfase ao espanto inicial que marcou o encontro de civilizações tão distintas. Ela, inclusive, utiliza-se das ideias de Todorov para afirmar que a descoberta da América foi o encontro mais surpreendente e significativo de toda a nossa história. Pela primeira vez, o homem europeu se depara com um sentimento radical de estranheza, pois encontra um povo com modos de vida, costumes e cultura totalmente distintos, além de não conseguir esconder o espanto com a flora e a fauna nunca antes vistas.

O contato entre os povos indígenas que viviam nesta região e os europeus (italianos, portugueses, espanhóis, etc.), aconteceu a partir do século XVI, quando esses colonizadores investiam na conquista de novos territórios para explorar riquezas naturais e também expandir a fé. Segundo Gondim, o acirramento de conflitos entre o colonizador europeu e o nativo se deu, principalmente, em função do pensamento medieval que predominava na época. A mentalidade medieval prezava apenas pela universalidade das coisas, não se valorizava a realidade individual e muito menos se constataavam as diferenças, daí a incapacidade dos europeus compreenderem uma realidade tão contrária a sua.

De forma semelhante às ideias expostas pela estudiosa Ana Pizarro, Neide Gondim fala que nesse primeiro momento a Amazônia é ocupada fisicamente pelos viajantes e conquistadores. Nesse período, a ocupação amazônica, além de ser marcada por um forte discurso europeu e missionário, se dá de maneira bastante superficial, atingindo apenas as margens dos rios, igarapés e afluentes. Para o colonizador, a floresta densa, hostil e emaranhada, funcionou como grande obstáculo para que se conhecesse essa região internamente.

A fantasia sempre esteve presente no imaginário do homem medieval. Neide Gondim afirma que a Índia com seus mistérios, sua natureza exuberante, a fauna estonteantemente diversificada e a sensualidade de seu povo impressionou bastante os antigos e medievais, estimulando a imaginação e a fantasia desses povos. Eram homens

que falavam de dragões venenosos e unicórnios passeando por lugares encantados, sonhavam em encontrar o Paraíso e a fonte da eterna juventude:

Buscava-se o Paraíso, que representava o sonho sempre perseguido de viver eternamente, longe de pestes e da fome, sem necessidade de trabalhar, pois aquele lugar prodigioso, com uma só estação perdurando o ano inteiro, tinha árvores que produziam sem cessar e eram banhadas por rios perenes (GONDIM, 1994, p. 18).

Entre os viajantes da Antiguidade e da Idade Média Gondim destaca Marco Polo como sendo de grande importância, pois sua narrativa além de contar com a veracidade de dados geográficos facilitando o desenvolvimento de expedições comerciais, também ajudou a desnudar lendas presentes na Idade Média. Em seus relatos, Marco Polo mostra até mesmo como surgiu a lenda do Paraíso Terrestre, história que alimentou os sonhos febris de muitos homens e fez com que estes partissem em longas viagens além-mar.

Ainda no primeiro capítulo, Gondim discorre sobre várias viagens e mostra que foram realizadas por diferentes motivos. Uns faziam peregrinações à Meca como o árabe Ibn-Batuta, outros tentavam atualizar e interpretar relatos bíblicos como Giovanni de Marignolli, também existiam os que buscavam compreender relações étnicas como Benjamin. Esses viajantes, apesar de serem movidos por diferentes motivos, aproximavam-se em um ponto em comum. Todos registravam em suas notas reações de espanto ou surpresa diante do novo e explicavam os acontecimentos através de elementos maravilhosos e fantásticos. Com esses exemplos Gondim mostra que a fantasia sempre fez parte da estratégia de representação do outro, pois o viajante na sua “ânsia de ver” tenta dar aos elementos do maravilhoso e do fantástico a qualidade de verdade inquestionável, anexando e adequando a descoberta dessas imagens ao campo simbólico já conhecido.

O fato é que essas descobertas marítimas que comprovaram a existência do chamado antimundo demonstraram o quanto nós ainda ignorávamos acerca do nosso mundo e acerca de nós mesmos. Nas palavras de Gondim “nomear é também exorcizar”, reconhecer a imensidão do território novo também pode significar a debilidade do velho, daí as resistências psicológicas e culturais. A existência dessa

quarta parte, marcada pela diversidade cultural e étnica forçou uma mudança de mentalidade sobre como compreender a natureza e o próprio homem.

Após essas reflexões Gondim relata como a descoberta do antimundo foi registrada nas cartas de Vespucci e no diário de Cólón. A autora diz que esses textos são inaugurais das viagens além do mar-oceano e, apesar de divergirem em alguns pontos, ambos contribuem para o enriquecimento do imaginário europeu em viagens posteriores. Cólón promove uma “europeização racial”, pois descreve o bom selvagem comparando-o de acordo com a estrutura social e cultural da Europa. Segundo ele, a proximidade com o Paraíso terrestre é fato modificador dos costumes e da raça.

Ao contrário de Cólón, que acredita que a sua presença entre os nativos era uma dádiva celestial, Vespucci inverte a posição de olhares e se coloca como um estranho diante do nativo. Em todas as suas viagens, ele se mostra surpreso com a variedade linguística, a densidade populacional, a ingenuidade e desprendimento material dos nativos, fala sobre seus costumes e ao observar as incontáveis espécies de animais ironiza algumas passagens bíblicas, pois afirma ser impossível colocar todas estas espécies na Arca de Noé. Na Lettera, documento que resume as quatro viagens de Vespucci, ele não deixa de falar dos “bárbaros costumes” dos nativos, pois:

À proporção que as diversidades culturais e raciais se tornam presentes, o estrangeiro perde o referencial familiar, o paradigma norteador que lhe possibilitaria a compreensão do novo, instalando em seu lugar o estranhamento de tais costumes bárbaros, isolando-se, enquanto raça, de tais selvagens e afastando dali o local paradisíaco, bíblico, familiar (GONDIM, 1994, p. 54).

Gondim mostra que o contato com o Novo Mundo ajudou também a repensar o modelo de sociedade europeu. Ela faz isso ao mostrar que Michel de Montaigne, pensando diferente de muitos viajantes anteriores, reconhece a diferença e apresenta um autóctone que tem “cultura, tradição e dignidade”. Ironicamente, ao apresentar o seu modelo de República utópica, ele fala que os costumes dos europeus também são bárbaros:

Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos [o tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra do autóctone] de crueldade, mas o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o

comer depois de morto; e é pior esquartejar entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado (MONTAIGNE, 1972, p. 416).

O encerramento do primeiro capítulo se dá quando Gondim comenta que aos poucos os pensadores vão incluindo o Novo Mundo em suas reflexões. A partir do século XVIII os discursos sobre a Amazônia passam por profundas alterações. Com o pensamento iluminista em voga, a realidade passa a ser observada de uma forma mais descritiva, classificatória e racional. As concepções absolutas dos viajantes do período colonial foram sendo substituídas por fundamentos e métodos científicos. Esse período é marcado por teóricos como Locke e Buffon.

A segunda parte do livro mostra que o homem europeu já chegou à Amazônia com um imaginário construído, alimentado pelo discurso homogêneo do colonizador, que se coloca como modelo superior, aproxima o que lhe parece familiar e recrimina e exclui tudo aquilo que lhe causa estranheza. Segundo Gondim, “paralelamente às veleidades oníricas da bem-aventurança edênica, as monstruosidades corporais eram o contraponto apavorante do homem nesse incessante jogo imagístico de ouvir, ver, reproduzir, contar, reescrever” (GONDIM, 1994, p. 29). Desse modo, mesmo que familiarizados com a região, quando em contato com a esmagadora presença da natureza esses viajantes e pesquisadores foram obrigados a rever conceitos e visões já estruturadas.

Os primeiros cronistas amazônicos, de acordo com Gondim, relatam expedições de reconhecimento de território, mais especificamente do curso dos rios, seus afluentes e nascentes. A autora comenta ainda que o primeiro documento que discorre sobre a chegada do europeu no maior rio da Amazônia foi escrito em 1541-2 pelo frei Gaspar de Carvajal, que viajou às ordens do governador Francisco Orellana. Nessa viagem, Orellana afirma ter encontrado as lendárias Amazonas e registra isso no relato de Carvajal, o que se torna mais um exemplo de incorporação da mitologia clássica no imaginário sobre o Novo Mundo, mais especificamente sobre a Amazônia.

Carvajal acreditava que os obstáculos durante a viagem como os embates com os índios belicosos, a fome e a sede que passavam eram provações e que seriam

recompensados com o encontro do Paraíso Terrestre. As Amazonas seriam as guardiãs desse Éden tropical. Segundo Gondim, esse viajante:

(...) mapeia e descreve a estratégia guerreira feminina, seus usos e costumes, incluindo os povos limítrofes. Por outro lado, pontua, a cada investida do nativo, a superioridade bélica e coragem heroica do europeu, endormido, faminto, penetrando o desconhecido e abatendo a quase totalidade dessas Amazonas na pior e mais feroz batalha já realizada na imensidão de um território aprazível, fértil, rico em minérios, habitado por índios belicosos, mas não impossível de ser conquistado. (GONDIM, 1994, p. 86)

Nota-se, então, que apesar das diversas transformações no olhar que o europeu lança sobre a América, alguns mitos ainda perduram por tempos. Gondim nos mostra que é o caso de La Condamine que viaja em 1637 e ainda imagina encontrar as Amazonas, mulheres lendárias e guerreiras. Este viajante participou de uma expedição científica com o objetivo de verificar a teoria newtoniana que dizia que a terra era achatada nos pólos; fez importantes estudos e descobertas, comprovando inclusive a comunicação entre as bacias do Amazonas e do Orinoco; foi um dos primeiros a relatar sobre o caucho, produto que mais tarde muda a face amazônica. Assim, fica quase impossível acreditar que esse viajante ainda acredite em elementos tão fantasiosos.

A concepção de Inferno e também a de Paraíso estão presentes nesse segundo capítulo. A primeira visão, da terra do Eldorado, era sustentada pela assombrosa vastidão e exuberância das matas, a riqueza da flora e a presença de animais de todas as cores, raças e tamanhos. Essa complexidade e variedade amazônica deixaram o europeu perplexo diante de tamanha novidade. Buscava-se o Paraíso, que representava o sonho sempre perseguido de viver eternamente naquele lugar prodigioso. Essa visão está presente, como mostra Gondim, no relato de viagem do jesuíta Alonso de Rojas: “A nascente do rio, a sinuosidade de seu traçado, as vastas e populosas regiões que atravessa, sua riqueza mineral e vegetal formam um conjunto de maravilhas, as quais, de tão perfeitas só poderiam ser criadas por Deus (...)” (GONDIM, 1994, p. 89).

As anotações de Alonso de Rojas, segundo Gondim, tornam-se importantes porque ele direciona um olhar político, escreve com precisões geográficas e ainda observa as possibilidades comerciais e o quanto pode obter de lucro através dos recursos da Nova Terra. É incrível o seu olhar mercantilista, pois observa que: “A roupa colorida

dos Omágua é sinal de madeiras de tinta. Os adereços de ouro dos nativos, indício de minério. As terras planas, pasto para as ovelhas” (GONDIM, 1994, p. 91).

A outra visão, denominada *Inferno Verde*, é naturalmente a mais presente na mentalidade europeia, já que mostra a reação do homem “civilizado” em contato com uma realidade totalmente adversa à sua. A Amazônia aparece como um espaço ameaçador e despótico, de florestas ásperas e compactas, cheio de perigos, com um clima que causa desconforto e é propício para o desenvolvimento de doenças as quais o europeu mostrava frágil resistência.

Percebe-se, a partir de todos esses relatos explanados por Gondim, que a formação da Amazônia se deu de maneira bastante paradoxal. Ao mesmo tempo em que os viajantes movidos pela curiosidade ansiavam pelo novo, sempre esperavam encontrar a velha estrutura europeia: “seja nos povoados, nas vilas ou na mata fechada; seja na precariedade do serviço de transporte, na impontualidade dos remeiros nativos, na preguiça, ociosidade, improdutividade e alcoolismo do ameríndio” (GONDIM, 1994, p. 138). Essas contradições, hipóteses e imaginários serviram como estofos para viagens posteriores.

No terceiro capítulo, Gondim apresenta romances de Jules Vernes, Conan Doyle e Vicki Baum. Esses autores dão menos atenção para temáticas que fomentaram intensos delírios nos primeiros viajantes e ficcionistas, como as Amazonas e a busca pela fonte da juventude. Em lugar disso, representam o novo olhar que o homem direciona ao espaço amazônico, atentam-se para as relações entre o homem e a natureza.

O primeiro romance que Gondim nos apresenta é *A Jangada*, de Jules Vernes. Nesse texto, observa-se que a cuidadosa composição de personagens e também a constante descrição de funções e imagens são estratégias utilizadas por Vernes com a intenção de contextualizar o Brasil historicamente, apresentando-o a leitores que não conhecem muito essa realidade. O abuso das descrições é que irá aproximar esse texto a antigos relatos de viagem. Gondim afirma que o trabalho e a moral formam o alicerce desse romance verniano, são os fatores que dignificam o homem e a sociedade em que vive.

A preocupação com a perda de características regionais e a consequente imitação da cultura europeia por parte dos nativos também é recorrente nesta obra:

E que espécie de gente se vê sair nas horas de passeio, tanto dos edifícios públicos como das residências particulares? Homens de aspecto orgulhoso, sobrecasaca preta, chapéu alto, botas de verniz e luvas claras, brilhantes no nó da gravata; mulheres com vistosas toaletes, vestidos de folhos, chapéus na última moda, e enfim índios que também já se vão europeizando, de maneira a destruir tudo o que podia restar da cor local (...) (VERNE, Jules apud GONDIM, 1994, p. 153).

Essa perda de identidade é problematizada na obra. “Se imitar fosse necessário, que o homem se voltasse para a natureza de seu próprio país” (GONDIM, 1994, p. 155). A identidade de um povo deve ser bem resguardada, ninguém jamais deve esquecer a sua origem, que no texto é representado com a genealogia do cacique de Rouen.

A outra obra explanada por Gondim é *O mundo perdido*, de Conan Doyle. É um texto constituído por lendas como a do Curupira, percursos sacrificantes, imensas dificuldades enfrentadas, próprias, como se diz no texto, dos contos maravilhosos e também a exuberância da natureza. Essa mesma natureza mística que, promove sentimentos que variam do fascínio à repulsa, gera um misto de acontecimentos que ajuda a encontrar respostas e também a reconhecer a limitação humana frente ao desconhecido.

Segundo Gondim, Doyle, ao narrar as histórias de viagem de Challenger, Summerlee e o repórter Malone, põe em xeque expedições já realizadas, mas também resgata importantes histórias que estavam presentes na memória dos antigos. Outro ponto essencial nessa narrativa está presente quando Gondim relata que em *O mundo perdido* não existe mais a ideia do bom selvagem, pensamento que foi alterado por causa da observação da atividade de guerra, tão constante entre os indígenas. Sobre a contribuição de Doyle, Gondim comenta que ele se diferenciou da maioria dos viajantes que estiveram na Amazônia, pois:

Ao invés de falar sobre os antípodas, os adamistas, os monstros infernais, o paraíso e sua antítese, Doyle coloca em um espaço não tão grande, mas com um tamanho suficiente para que não fosse totalmente palmilhado, conhecido, personagens que mantêm um contato direto com quase todos os monstros, viajantes que se enlevam com locais que, provavelmente seriam rotulados de infernais (GONDIM, 1994, p. 210).

Por fim, a autora apresenta-nos *A árvore que chora*, de Vicki Baum, narrativa que destaca o período da exploração da borracha. Este ciclo foi, sem dúvida, o fenômeno socioeconômico mais expressivo na Amazônia, pois possibilitou a expansão da colonização, atraiu riquezas, profundas transformações sociais e culturais e, paradoxalmente, desvelou um sistema de miséria, escravidão, exploração e destruição física humana.

Nesse romance de Vicki Baum, nota-se que o território amazônico que era quase um deserto, local inóspito e de difícil acesso, passou a atrair grande número de imigrantes, todos seduzidos pelas riquezas que esse produto gerava e também pela grande demanda de mão de obra que essa exploração exigia. A borracha estava em tudo, representava o nascimento e também a morte: “Da manufatura dos bicos das mamadeiras aos pneus dos aviões durante a guerra, a borracha se faz presente e desvenda a intrincada burocracia na distribuição das cotas e a correlação de forças entre as nações em conflito” (GONDIM, 1994, p. 212).

Através do personagem Ambrósio, Vicki Baum compara o “choro” da seringueira com o choro do homem, ele apresenta uma mata que é, ao mesmo tempo, algoz e vítima.

No ermo das matas, Ambrósio enfraquece. Às febres, a escassez alimentar, a inexistência de alimentos frescos, abatem, paulatinamente, a resistência daquele homem. A altivez, o orgulho, a intrepidez, a fibra, domados pela mata infernal, são substituídos pelo cansaço. (...) O cansaço do seringueiro imprimi-se e se alimenta da exaustão da árvore que chora, vítima e algoz, antropomorfizada pela alienação do seringueiro (GONDIM, 1994, p. 232).

A excepcionalidade dessa obra, de acordo com Gondim, se dá porque o narrador não cala os subalternos, dá voz ao índio e ao dar ênfase aos diversos personagens, produz uma falsa impressão de “conluio com exploradores e explorados”. É uma obra não etnocêntrica, que “reconhece o outro com suas peculiaridades ao mesmo tempo em que lança na contramão duas forças poderosíssimas, o movimento do capital e o movimento da guerra” (GONDIM, 1994, p. 237).

Nesse entrecruzar de olhares proposto por Gondim, pode-se observar que as imagens construídas tão singularmente pelo estrangeiro apontam relações sociais,

culturais e até mesmo simbólicas, nas mais diferentes épocas, levando em conta que o viajante ao tentar representar o outro, também revela muito de suas particularidades. Uma imagem que criamos a respeito da cultura alheia representa tão bem a nossa que a partir dela podemos perceber os nossos preconceitos, a nossa ideologia e o ponto hierárquico em que nos posicionamos para olhar o outro.

## Referências

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo, Abril Cultural, 1972. Os Pensadores, vol.XI.

PIZARRO, Ana. *Imaginário y Discurso: La Amazonia*. In: Sentidos dos lugares.org. José Luís Jobim...[et AL]. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *A descoberta da América*. In: A conquista da América: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone - Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

## ***THE INVENTION OF THE AMAZON, BY NEIDE GONDIM***

### **ABSTRACT**

In *A Invenção da Amazônia* the main purpose of Neide Gondim is to deconstruct the idea of the Amazon region as a discovered or constructed place. In this perspective, the writer presents an invented Amazon formed by the imagery currency according to some travelers, chroniclers and adventurers. She describes a place that is sometimes seen as Paradise with abundant beauties and natural richness, but also considered as Hell, place of misfortune and hostile atmosphere. Then, through the narratives and descriptions produced by these people, the readers are involved themselves deeply in a particular way of understanding in relation to the representations which are built about the Other and to the subjectivities carried out by these interpreters.

**Keywords:** Amazon, imagery, Other.

Recebido em 12/02/2017.

Aprovado em 11/05/2017.